

## **A Constituição da Equipe Terapêutica O processo de formação do terapeuta sistêmico de família**

Antônia Simone Gomes<sup>1</sup>

### **Resumo**

*O objetivo desse texto é fomentar uma reflexão acerca de como vai se constituindo o sentimento de equipe terapêutica, tomando como foco as relações estabelecidas em um grupo que participa do curso de formação de terapeutas de família, que tem como perspectiva o Construcionismo Social. A noção de equipe terapêutica está associada ao sentimento coletivo de pertencimento ao grupo, confiança e respeito, noções que integram um conjunto de atitudes orientadas que se configuram em uma expertise pessoal e grupal que, conjugada ao repertório teórico e de práticas integradas, permite com que o aluno se sinta encorajado a dar início ao atendimento terapêutico às famílias. Nessa tessitura, primeiramente, delineamos os princípios epistemológicos do Construcionismo Social como cenário que coloca em evidência o sentido das experiências pessoais e se coadunam com a aprendizagem colaborativa. Em seguida o foco recai sobre os aspectos referentes ao curso de formação do terapeuta com ênfase para o enfoque que projeta a construção do que denominamos como sentimento de equipe, cujos elementos emergem por meio da mudança de postura, pela escuta sensível e pela demonstração de um comprometimento responsável e ético com o outro.*

**Palavras chave:** Formação do terapeuta; Equipe terapêutica; Práticas colaborativas

### ***The Constitution of the Therapeutic Team - The process of formation of the systemic family therapist***

### **Abstract**

*The purpose of this text is to foster a reflection about how the feeling of a therapeutic team is becoming, focusing on the relationships established in a group that participates in the training course of family therapists, whose perspective is*

---

<sup>1</sup> Graduada em psicologia pela UFRJ, psicoterapeuta familiar, Doutora em Educação pela UFMG, Membro da ATF, Membro colaboradora CEFAI- Centro de Estudo da Família, Adolescência e Infância. Professora da UEMG/unidade Carangola.

*Social Constructionism. The notion of therapeutic team is associated with the collective feeling of belonging to the group, trust and respect, notions that integrate a set of oriented attitudes that are configured in personal and group expertise that, combined with the theoretical repertoire and integrated practices, allows the student feels encouraged to initiate therapeutic care for the families. In this context, we first outline the epistemological principles of Social Constructionism as a setting that highlights the meaning of personal experiences and is consistent with collaborative learning. Then the focus is on the aspects related to the training course of the therapist with emphasis on the approach that projects the construction of what we call the feeling of team, whose elements emerge through the change of posture, sensitive listening and the demonstration of a responsible and ethical commitment to the other.*

**Keywords:** Therapist training; Therapeutic team; Collaborative practices

## **Introdução**

Pensar os contornos que envolvem a noção de equipe terapêutica dentro de um curso de formação de terapeutas, requer estarmos atentos às dinâmicas de interação, às trocas relacionais e aos diálogos que acontecem entre os pares. No presente texto, estamos tratando do curso de formação de terapeutas de família ministrado pelo CEFAL, Centro de Estudo da Família, Adolescência e Infância, instituição de atendimento clínico e de formação de terapeutas que se dedica desde 1991 à reflexão teórico e prática no atendimento de famílias, criança e adolescentes.

O curso de Formação em Terapia de Família e Casal, em linhas gerais, tem o propósito de formalizar uma proposta de consolidação contextual e relacional para o atendimento às famílias. Este curso pode ser definido como um espaço de orientação demarcado pela criação de um contexto conversacional que se estabelece por meio de diálogos reflexivos, que se constituem enquanto processo colaborativo de saberes e fazeres (McNamee, 2014).

Para Ladvoat e Ricci (2009), a formação do terapeuta: “é vista como um processo de aprendizagem em que de um lado está quem fornece o instrumento para a construção de um novo papel e função profissional, e de outro aquele que está buscando o desenvolvimento do referido papel.” (p.464). Para essas autoras, o processo de formação deve apoiar-se tanto em um constructo teórico sólido como também deve incluir um trabalho pessoal de cunho terapêutico.

O curso de formação de terapeutas constitui-se em aulas quinzenais em um percurso de dois anos e meio, sendo que, no primeiro ano de estudo os alunos dedicam-se às leituras indicadas com objetivo de proporcionar um repertório teó-

rico-prático que permite que se apropriem dos conceitos que embasam a compreensão da Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy, 1967), articulados às discussões que envolvem os conceitos da psicodinâmica, da cibernética e da comunicação.

A proposta do curso subjaz na lógica de pensar relacional, em que o caminho trilhado se sustenta na mudança de paradigma que nos convida a sair de uma postura cartesiana para perceber a família sob a égide do paradigma da complexidade (Morin, 1996). Nessa perspectiva, o curso de formação passa a ser considerado como um processo de construção social de caráter dialético, em que a linguagem e os processos conversacionais podem ser entendidos como instrumentos constitutivos de subjetividades, o que equivale a um espaço de criação/recriação/transformação do sujeito.

A segunda etapa do curso de formação configura-se de forma mais contundente pelo início da prática do atendimento clínico, momento em que o trabalho em equipe se torna um instrumento fundamental no processo de formação do terapeuta. Esse espaço de interações e produção de conhecimento é marcado por um sentimento de natureza coletiva que irá funcionar como um suporte para os alunos/terapeutas que iniciam a função de atendimento clínico às famílias.

Aqui, a noção de equipe terapêutica está associada a esse sentimento coletivo de pertencimento ao grupo, confiança e respeito pelo outro, noções que integram um conjunto de atitudes orientadas que configuram-se em uma expertise pessoal e grupal que, conjugada ao repertório teórico e de práticas integradas, permite com que o aluno em processo de formação, se sinta encorajado a dar início ao atendimento terapêutico às famílias inscritas no programa de atendimento clínico-social.

Ao tratar das questões referentes à construção de uma equipe terapêutica no contexto de um curso de formação, deparamo-nos com pontos básicos que se referem tanto aos conhecimentos produzidos e que são construídos a partir do aprofundamento teórico, quanto às competências sociais e humanísticas que potencializam um espaço de criação/transformação. Nessa tessitura, os princípios epistemológicos do Construtivismo Social (Vygotsky, 1984; Castañón, 2009, 2004), fundamentam os modelos socioculturais que formulam um cenário que coloca em evidência o sentido das experiências pessoais. Ao mesmo tempo adotamos uma abordagem relacional sistêmica na vertente do Construcionismo Social (Gerken & Gergen, 2010; Gergen, 2009), aqui entendido como um pressuposto filosófico (Anderson, 2011), cujos significados são gerados nas relações a partir das produções discursivas. Estas são produções linguísticas negociadas dentro de contextos específicos, com a intenção de comunicar ou expressar algo.

No curso de formação em Terapia de Família busca-se com que a prática se sustente nos aportes do Construcionismo Social associados aos princípios da

Teoria Sistêmica, o que significa atuar consoante uma abordagem na qual o foco está direcionado para o dinamismo discursivo dos acontecimentos, à imprevisibilidade no controle das situações, para o sujeito em sua auto-referência, evidenciando que não existe realidade independente de um observador. Nesse âmbito, passa-se a reconhecer um mundo em processo de tornar-se, o que significa que o “dinamismo dos acontecimentos corresponde a uma realidade compartilhada a partir das próprias experiências individuais, e assim, configura a dimensão dos espaços consensuais de intersubjetividades” (Vasconcellos, 2002, p. 124).

É importante salientar que o processo de formação de terapeutas sistêmicos de família tendo em uma capacitação teórico-prática, leva em consideração não só os princípios básicos de uma epistemologia que coloca o mundo como uma construção, cujos aportes se encontram no Construcionismo Social (Gerken & Gergen, 2010; Gergen, 2009; Japur, 2007), como busca assegurar um trabalho que se sustenta em dinâmicas de natureza colaborativa (Anderson, 2011; Grandesso, 2000). A proposta colaborativa pressupõe práticas que se alinham aos princípios valorativos da confiança compartilhada, no respeito mútuo, no diálogo reflexivo, na alteridade e na disponibilidade em relação ao outro, o que pode ser traduzido pelo crescente sentimento de pertencimento ao grupo e na responsabilidade ética.

O conhecimento produzido nesse espaço interacional envolve e influencia tanto as professoras formadoras quanto os alunos, sendo criado um fluxo conversacional de trocas de experiências de natureza colaborativa que passa a afetar as histórias de cada participante. As práticas conversacionais apresentam-se como instrumentos de transformação e atribuição de sentidos e constituem-se em recursos potentes no processo de formação, tão diferente do modelo adotado por outras abordagens, a exemplo da Psicanálise. Com base nesses princípios, esse artigo tem como objetivo fomentar uma reflexão acerca de como vai se constituindo o sentimento de equipe terapêutica, tomando como foco as relações estabelecidas no grupo de formação de terapeutas, que tem como perspectiva o Construcionismo Social e o aprendizado colaborativo.

Nesse caminho, primeiramente, delineamos os aportes teóricos do Construcionismo Social seguindo os contornos das práticas colaborativas, para em seguida jogar luz sobre alguns aspectos referentes ao curso de formação de terapeuta e assim descrever pontos que ajudam a pensar como se dá a construção de uma equipe terapêutica.

## **O Construcionismo Social**

O Construcionismo Social desponta nas últimas décadas como um processo de construção de conhecimento e proposta epistemológica que coloca em des-

taque os processos relacionais e discursivos, o que na perspectiva de McNamee (2003) e Gergen (2009), surge como sendo um conhecimento que se instala no interior dos processos de intercâmbio social que *“ocupa-se de explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam, ou, de alguma forma, dão conta do mundo em que vivem”* (p.23). Para esses autores, a epistemologia dialógica do Construcionismo Social se perspectiva na criação de práticas conversacionais em que os conhecimentos passam a ser compartilhados como produtos de sentidos. Esses aspectos constituem-se a partir de um conjunto de princípios e práticas que derivam do conceito de responsabilidade relacional, envolvendo os processos interativos como produtores de sentido, gerando ações no mundo.

O Construcionismo Social focaliza as práticas discursivas como base de qualquer conhecimento e considera os processos microssociais, defendendo a compreensão humana a partir da esfera relacional em que sentidos e significados são produzidos, o que, no enfoque de Gergen (2009), corresponde à *“construção de sentidos geradas nas práticas sociais cotidianas”* (p.26). Esse movimento se dá sob a égide de uma ação conjunta (Grandesso, 2000) e dialética, em que *“o sujeito afeta a realidade social na qual está inserido e passa a ser afetado pelas mudanças efetivadas nesse contexto, caracterizando assim, um processo social e linguístico”* (p.66).

Sob esta ótica, a linguagem pode ser considerada uma construção social, fruto de negociação de sentidos onde são ressaltadas as produções discursivas compartilhadas por um determinado grupo, em um determinado contexto, que legitimam os saberes e os fazeres do grupo. Dizer que a linguagem é uma prática social é considerar que ela está para além da representação da realidade, é dizer que a linguagem constrói a realidade. Para o discurso Construcionista Social, a linguagem é um elemento central na constituição do sujeito. Essa perspectiva nos anuncia que é na linguagem que o sujeito estrutura suas experiências com/do o mundo e de nós mesmos. Para Burr (In Corradl-Webster, 2014) a linguagem é constituinte do que somos. A linguagem auxilia a organizar nossas experiências.

O discurso Construcionista Social convida a pensar que as características que identificamos nos comportamentos das pessoas são construídas com o uso da linguagem. Nessa proposição, Anderson (2011) aponta o deslocamento do conceito de linguagem, que passa de um papel representacional da realidade, como é entendida no paradigma tradicional da ciência, para um lugar de centralidade no processo relacional, situado na produção de sentidos que considera os discursos como ação conjunta tendo o poder de construir/reconstruir pessoas e relações. Sob esse enfoque, a linguagem deixa de ser entendida como um meio

para representar a realidade e passa a ser considerada como um instrumento, o que Ibañez-Gracia (2004) sistematiza como a capacidade da linguagem não só em “fazer pensamento” como também de “fazer realidades”.

Considerando o espaço conversacional como uma “arena de negociações”, local onde emergem experiências que pontuam as diferenças resultando em discursos que possibilitam o compartilhamento de novos significados, entendemos o espaço da formação do terapeuta como um espaço em que ecoam múltiplas vozes e sobressaem as singularidades que ganham convergências e divergências no/pelo diálogo.

### **A abordagem colaborativa**

A abordagem colaborativa pode ser compreendida como uma posição filosófica que demarca uma ação compartilhada significada pelo diálogo coletivo, cujos pressupostos encontram-se assentados em um conjunto de princípios de natureza relacional, que “pressupõe uma parceria na qual a sabedoria, conhecimentos e costumes dos membros de uma comunidade de aprendizagem local, são reconhecidos, acessados e utilizados” (Anderson, 2011, p.36). Nessa abordagem os diálogos são considerados recursos linguísticos que colocam em cena o intercâmbio de ideias, a exploração de pensamentos, a expressão de opiniões e os sentimentos, com a intenção de entendimento mútuo. Na conversação dialógica os participantes envolvem-se uns com os outros e o conteúdo conversacional fica sujeito à interação e interpretação (Mattos de Brito & Germano, 2013).

Podemos então dizer, que o processo dialógico colaborativo, passa a ser exercitado como um convite à diversidade em que as diferentes formas de se entender e de perceber a realidade são expostas. Trabalhar nessa direção, permite o aprimoramento de um nível de interesse pelo ponto de vista do outro, caminhando para a consolidação de um ambiente de confiança e pertencimento.

A abordagem colaborativa vem sendo compartilhada por vários autores (Anderson & Goolishian, 1998; Anderson, 2011) como um processo que opera sob formas diferenciadas de trocas e interações uns com os outros, de modo que todos contribuem na produção de uma nova compreensão do processo. Anderson e Goolishian (1998, p.36) partem do pressuposto que “as pessoas vivem e compreendem seu viver por meio de realidades narrativas construídas socialmente, que conferem sentido e organização à sua experiência”.

Como nos assegura Anderson (2011), este processo acontece em um movimento de mão dupla: o que está sendo aprendido é transformado e as pessoas que estão envolvidas em todo o aprendizado também são transformadas. Tra-

ta-se de uma atividade dialógica de natureza coletiva que envolve intercâmbios de ideias, trocas de experiências, opiniões e sentimentos, através do quais o produto resultante dessas interações será algo novo.

Para Anderson (2011),

Os parceiros colaborativos, em suas trocas dinâmicas, geram conhecimentos e outras inovações muito mais criativas, abundantes e específicas ao contexto e necessidades locais do que qualquer membro da parceria poderia alcançar sozinho. Esse pressuposto baseia-se na suposição de que o conhecimento é uma construção em comunidade, criado no intercâmbio social, não na interação instrucional (p.36- 37).

Quando se trata do processo de formação do terapeuta, pode-se dizer que a postura de natureza colaborativa se constitui na construção de um espaço de trocas e circularidades de saberes em que especialistas e alunos são afetados por essa ação. O educador reconhece e valoriza a fala dos participantes de forma incondicional, o que incorre assim na criação de um ambiente de confiança em que todos participam do processo de transformação. Um influencia o outro em um processo de construção subjetiva e de co-responsabilidades. Estabelece-se assim, um sistema linguístico dialógico focado na relação, na postura crítica e reflexiva (Pereira & Rigueti, 2009). A linguagem que circula entre os participantes se efetiva como instrumento/ferramenta e veículo de construção de significados, caracterizando esse contexto como um espaço de aprendizagem.

Segundo Anderson e London (2012, p.23), esse tipo de ambiente de aprendizado colaborativo requer valores e atitudes particulares do educador em relação a:

- a) a natureza transformadora do diálogo e da colaboração;
- b) confiança e segurança nas competências e no julgamento de cada membro quanto; à sua vida diária e futura, e quanto ao que é crucial para elas;
- c) o conhecimento e as experiências que os alunos trazem considerados como valiosos e necessários como os que os professores trazem;
- d) ênfase na reflexividade e auto-referência na construção do conhecimento.

### **O contexto de atendimento clínico**

Voltando-se o olhar para o contexto de formação, tomamos como fonte de observação os atendimentos clínicos à família e casal que acontecem como procedimento da prática. Os atendimentos ocorrem na sala do espelho seguindo o modelo de orientação cuja matriz se sustenta nos aportes da Escola de Milão. Essa proposta de atuação se estrutura segundo quatro momentos distintos: a pré-sessão, a sessão, a inter-sessão e a pós sessão (Palazzoli, Boscolo, Cecchin & Prata, 1982).



No que tange à utilização da sala de espelho como recurso didático, Cruz, Vicente e Pereira (2014) consideram uma ferramenta privilegiada no processo de orientação, uma vez que possibilita tanto a observação da atuação daqueles profissionais que estão no campo, como permite acompanhar o discurso real explicitado pelas famílias no setting terapêutico. Adotar essa metodologia no processo de formação, como nos indicam os autores, representa uma “forma generosa dos mestres abrirem as portas e permitir que sentemos na sala de atendimento, o que configura assim uma mudança nas relações de ensino-aprendizagem tradicionais, para outras mais democráticas” (Cruz, Vicente & Pereira, 2014, p.310).

Quanto ao modelo de atendimento temos: a pré-sessão que pode ser entendida como aquele momento de conversação que antecipa o atendimento à família e se constitui como um espaço de conexão entre as terapeutas de campo, as professoras formadoras e os demais participantes da equipe. As práticas colaborativas, aí encaminhadas, em geral se apresentam como alternativas úteis para o desenvolvimento da sessão terapêutica e servem como um aquecimento conversacional que favorece a atenção para os acontecimentos que envolvem a família/casal. A pré-sessão é também um espaço de fortalecimento dos vínculos entre as terapeutas que estão atuando no campo, espaço de reflexão e problematização das situações referentes à família. Nesse momento se estabelece uma interlocução entre os terapeutas de campo e os demais do grupo, em que as múltiplas vozes têm o poder de construir caminhos possíveis para atuação junto à família.

O momento da sessão, propriamente dito, se configura pela entrada da dupla de terapeutas no *setting* terapêutico enquanto os demais participantes permanecem acompanhando a sessão por trás do espelho unilateral. A conexão entre as partes se fortalece na medida em que fica estabelecido que os que estão atrás do espelho podem intervir na sessão por meio do interfone, caso seja necessário. Essa possibilidade de participação conjunta opera como ego auxiliar e representa um elemento positivo de natureza colaborativa. Nesse enquadre, pode-se dizer então, que é estabelecida uma conexão entre os que estão em campo e o grupo observador. Essa conexão acontece tanto pela confiança depositada uns nos outros, quanto pelo respeito às diferenças, no que se refere ao estilo próprio e pessoal de condução do percurso da terapia. É aqui que o sentimento de pertencimento ao grupo se faz mais presente e a relação colaborativa constitui o elo de ligação entre as partes. Entendemos então, que o lugar do terapeuta vai sendo produzido pela conexão e sintonia com os participantes do grupo como um processo de co-construção no contexto conversacional colaborativo em que sobressai a capacidade inventiva de cada um em criar um canal de comunicação consigo próprio, com o grupo e com a família.

O momento da inter-sessão é marcado pelo encontro dos terapeutas de



campo com a equipe que permanece atrás do espelho para formularem uma breve conversa para definirem juntos os rumos do término da sessão. Depois desse encontro, há o retorno à campo para proceder à devolução, que pode acontecer por meio de intervenções e reflexões realizadas pela dupla de terapeutas, pode ser proposta uma dinâmica vivencial ou ainda ser finalizada sob a forma de equipe reflexiva, um recurso que se constitui segundo o modelo terapêutico baseado nos processos reflexivos de Andersen (2002), em que os terapeutas observadores oferecem à família uma reflexão acerca do que observaram e/ou sentiram com os discursos produzidos na sessão. Nesse contexto a linguagem age como instrumento propiciador de reflexão e desencadeador de sentimentos e emoções que fazem ressonâncias com as histórias de vida de cada um dos participantes que se encontram na sala atrás do espelho.

Quanto ao quarto momento destinado à conversação da equipe sobre o atendimento à família, a pós-sessão, constitui-se como uma prática privilegiada na formação do terapeuta, uma vez que nesse contexto, busca-se relacionar os conteúdos que emergiram da prática aos conhecimentos teóricos. A conversação colaborativa ganha tessitura à medida que são compartilhadas as percepções e os sentimentos que emergiram ao longo da sessão de terapia. Podemos dizer que nesse momento, o sentimento de equipe se materializa no exercício de entrega, de escuta e de disponibilidade em relação ao outro. A prática conversacional dialógica torna-se um instrumento de formação em que é possível identificar os sentidos atribuídos aos discursos de cada participante, entendendo que essa construção se dá a partir de como cada um é afetado pelo outro, seja pela história do cliente, pela fala do professor formador ou pela ação do colega que está em campo. Vê-se, nesse percurso o delineamento de uma identidade grupal.

### **Então, como se constitui a equipe terapêutica?**

É importante considerar que o sentimento de equipe se dá passo a passo, ao longo das vivências coletivas e grupais em que são experimentadas posturas mais colaborativas, mais comprometidas, autônomas e responsáveis, o que permite escutar as diferentes vozes, possibilitando que cada participante (re) conheça seu estilo e se aproprie de recursos significativos para atuação na prática.

Para nós, dimensionar como se constitui uma equipe terapêutica se torna possível pela observação de mudança de postura dos alunos. As inter-relações e as trocas conversacionais são significadas como fonte de transformação. É significativa a mudança de comportamento frente aos novos contextos conversacionais, como também se fortalece a escuta sensível. A realidade discursiva se apresenta de forma responsável e ética. Aos poucos, o grupo vai se consti-

tuindo a partir das/nas diferenças, na diversidade, no jeito próprio de cada um se manifestar em seu processo de subjetivação. O compartilhamento de ideias, o diálogo reflexivo e problematizador, o exercício de escuta e o limite como forma de contenção do fluxo de ideias, emergem como elementos que se conjugam na constituição do sentimento de equipe terapêutica.

Podemos dizer que estamos diante de um paradoxo, pois é na diferença, nas singularidades e a partir das especificidades, que o grupo se une e constitui-se como grupo identitário. Nesse movimento o grupo cresce e amadurece. A participação de cada um ganha versão de comprometimento relacional em que os processos conversacionais são significados com a contribuição de todos os sujeitos: a expertise de cada um é valorizada no coletivo.

Passamos a apresentar quatro práticas através das quais nos foi possível perceber indícios de como se dá a constituição do sentimento de equipe.

### **Postura de acolhimento**

Olhando sob a perspectiva do curso de formação, vivenciar a postura de acolhimento significa experienciar uma posição de alteridade em relação ao outro, o que implica criar um espaço interacional de aceitação e escuta interessada. Acolher o outro em sua singularidade corresponde em imprimir um clima no qual se aceita a diferença e os pontos de vista distintos, sabendo-se sentir confirmado e aceito pelo que é, incondicionalmente. Isso envolve tanto uma escuta sensível e atenta sobre o ponto de vista apresentado, como supõe a valorização da sua expertise e de seu estilo próprio.

No grupo de formação, a postura de acolhimento reflete o amadurecimento emocional do grupo, o que significa um imbricado processo de construção coletiva que convida os participantes a se tornarem protagonistas desta construção.

### **Espaço de escuta coletiva**

Diálogos reflexivos e o espaço de escuta sensível são aspectos fundantes no processo de formação do terapeuta, na medida em que se ancora no reconhecimento do outro. Como nos aponta Camargo Borges, (2010), o diálogo torna-se um recurso importante na promoção da dialética dos saberes, e como tal a escuta coletiva permite que os processos interativos se tornem mais dinâmicos. A escuta aqui é potencializada como forma de reconhecimento e validação. Anderson e Goolishian (1994) referem-se à essa postura, como um instrumento terapêutico a serviço de uma investigação curiosa que se apoia na singularidade e na novidade. A escuta curiosa e atenta se apresenta pelo posicionamento

válido da história pessoal, ao mesmo tempo em que aposta no desafio do investimento em uma postura responsável co-construída. A escuta coletiva estimula e encoraja os alunos a se expressarem, pois representa uma forma de elaboração de seus conhecimentos. Isso equivale à criação de um ambiente de respeito, pertencimento e co-participação.

No contexto de formação do terapeuta, a escuta coletiva corresponde à postura de atenção e respeito em relação ao outro, o que sugere uma posição pautada na construção de saberes que é configurado na relação estabelecida por meio dos vínculos.

### **Práticas reflexivas**

É importante considerar que ao assumir uma postura reflexiva e de problematização significa ir além da aprendizagem de técnicas e do uso de recursos terapêuticos. Significa, como nos aponta Pakman (1999) desenvolver uma postura política transformadora que toma o diálogo e as práticas conversacionais como elementos/ferramentas de transformação.

No curso de formação do CEFAL, o processo de reflexão dialógica se apresenta como um recurso para a mudança de ponto de vista do âmbito individual para uma perspectiva social e interacional. Nessa abordagem são privilegiadas as atividades em que se propõe uma postura reflexiva e de curiosidade que suscita uma forma colaborativa e dialógica de aprender. Os significados emergem do discurso, das conversações e provoca reações emocionais nos participantes. As atitudes dentro do grupo expressam a capacidade de raciocinar e se emocionar. Trabalhar na perspectiva reflexiva, inclui adotar as ferramentas linguísticas como elemento mediador facilitador de contextos colaborativos em que a linguagem ganha centralidade e se constitui como instrumento de transformação.

### **As ressonâncias**

A imersão na orientação de base colaborativa valoriza uma forma diferente de escuta trazendo à tona as vozes internas invisíveis tornando-as visíveis. A ressonância é um mecanismo relacionado às conversações internas que o terapeuta tem consigo mesmo, sobre os sentimentos e emoções geradas pelo cliente durante a terapia. Segundo Elkain (1990) as pessoas envolvidas no atendimento da família podem experimentar um sentimento que tem uma conexão com os fatos e emoções que emergem na/da terapia.

No grupo de terapeutas em formação, as ressonâncias significam a possibilidade de conexão com a história do outro, sintonizada com uma atitude orientada

para criar uma abertura para a mudança. Aqui, estamos falando da possibilidade de criação/ recriação que se constitui no espaço da emoção, da interação significativa que se potencializa em um fazer terapêutico que se distancia do uso de técnicas refratárias, de intervenções engessadas e de posturas pré-concebidas.

Tomando como inspiração a perspectiva de base colaborativa, estar sensível às ressonâncias que aparecem no grupo permite uma atuação menos hierárquica que respeita os significados construídos por cada participante, em sintonia com a sua própria história.

### **Considerações finais**

Alguns pontos se fizeram marcantes no percurso da formação e que fecundaram um olhar mais aprofundado trazido pelo paradigma relacional. Destacamos a forma como o sentimento de equipe vai se constituindo como postura de co-construção nas relações. Sintonizada com as reflexões de Japur (2007), segundo o qual o outro não é considerado uma experiência exterior, mas um co-autor na construção de nós mesmos, me reporto, mais uma vez à condição de reflexividade dialógica que supõe uma postura colaborativa que valoriza o ponto de vista e o jeito de ser de cada participante.

As práticas reflexivas, o acolhimento, a escuta sensível e as ressonâncias se destacam como recursos privilegiados no processo de formação e como tal, sobressaem como aspectos constitutivos do sentimento de equipe terapêutica. Foi possível dimensionar o sentimento de equipe por entre os alunos, à medida que a mudança de postura se fez pela escuta sensível, pelas diferentes formas de socialização e pelo comprometimento com o outro. Um ponto considerado importante no processo de formação como terapeuta familiar diz respeito ao autoconhecimento e a ética relacional baseada na compreensão do “outro”. Nesse processo conversacional dialógico são privilegiadas as trocas entre os pares, as negociações de significados, a ética responsiva, o diálogo reflexivo e crítico.

As práticas desenvolvidas ao longo do curso visam trabalhar as diferenças e evidenciar as singularidades. Essas ações tomam como base o sentimento de pertencimento ao grupo e o sentido de confiança, o que requer um exercício de entrega dentro dos princípios de alteridade com base no acolhimento e na escuta. Esses são elementos de base na construção de uma equipe terapêutica

É importante sinalizar que no processo de formação, não se trabalha com interpretações, avaliações ou julgamento sobre as condutas. O contexto da formação propiciou a aceitação da diversidade marcada pela existência da diferença, a marca da subjetividade de cada um.

## Referências

- Andersen, T. (2002). *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Anderson, H. & London, S. (2012). Aprendizado colaborativo: ensino de professores por meio de relacionamentos e conversas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, nº43, p.22-37.
- Anderson, H. (2011). Uma perspectiva colaborativa sobre ensino e aprendizado: a criação de comunidades de aprendizado criativo. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, nº41, p.35-53.
- Anderson, H. & Goolishian, H. (1998). O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não saber. In: S. Mcnamee & K. Gergen (orgs.). *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 34-49.
- Bertalanffy, L. V. (1967). *Robots, Men, Minds*. New York NY: Braziller.
- Castañon, G. A. (2004). Construcionismo social: uma crítica epistemológica. *Temas em Psicologia da SBP*. Vol. 12, no 1, 67– 81.
- Castañon, G. A. (2009). Construtivismo Social: a ciência sem sujeito e sem mundo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Lógica e Metafísica do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://ppglm.files.wordpress.com/2008/12/dissertacao-ppglm-gustavo-arja-castanon.pdf>
- Corradi-Webster, Clarissa. (2014) Ferramentas teórico-conceituais do discurso construcionista In C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. Corradi-Webster, & L. Vilela e Souza (Orgs.). *Construcionismo Social: discurso, prática e produção de conhecimento*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Camargo-Borges, C. (2010). Terapia social: desenvolvimento humano e mudança social. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. vol.62 no.3. Rio de Janeiro.p.1-11.
- Cruz, H. M., Vicente, A., & Pereira, M. (2014). Formação: um processo colaborativo entre formandos e formadores In C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. Corradi-Webster, & L. Vilela e Souza (Orgs.). *Construcionismo Social: discurso, prática e produção de conhecimento*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Elkain, M. (1990). *Se você me ama não me ame: abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal*. Campinas, São Paulo: Papiros.
- Gergen, K. (2009). Construção social e comunicação terapêutica. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, n. 33. p. 27-43.
- Gergen, K. & Gergen, M. (2010). *Construcionismo Social. Um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Grandesso, M. (2000). *Sobre a construção do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Ibanez Gracia, T. (2004). *Introducción a la psicología social*. Barcelona: Editorial UOC.
- Japur, M. (2007). Alteridade e grupo: uma perspectiva Construcionista Social. In L. M. Simão. (Org.). *O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática em Psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ladvocat, C. & Ricci, M. B.z R. (2009). *A formação do terapeuta de famílias*. In L. C. Osório & M. E. Pascoal do Valle(org.). *Manual de terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Mattos de Brito, R. M, & Germano, I. M. P. (2013). Terapia narrativa e abordagem colaborativa: Contribuições do construcionismo social para a clínica pós-moderna. *Nova Perspectiva Sistêmica*. Rio de Janeiro, n.47, p.57-73.
- McNamee, S. (2014). Construindo conhecimento/construindo investigação: coordenando mundo de pesquisa In C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. Corradi-Webster, & L. Vilela e Souza (Orgs.). *Construcionismo social: discurso, prática e produção de conhecimento*. Rio de Janeiro: Instituto Noos. p.105-132
- McNamee, S., & Gergen, K. J. (1999). *Relational Responsibility. Resources for sustainable dialogue*. London: Sage Publication.
- Morin, E. (1996). Epistemologia da complexidade In F. Schnitman *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pakman, M. (1999). Desenhando terapias em saúde mental comunitária: poética e micropolítica dentro e além do consultório. *Nova perspectiva sistêmica*, ano VIII, n`13, p. 6-25.
- Palazzoli, M. S; Cecchin.G; Boscolo, L; Prata, G. (1982). *Paradoxo e contraparádoxo*. Buenos Aires: Ed. A. C. E – Argentina.
- Pereira, M. Freitas, & Riguetti, R. (2009). Formador: ética e responsabilidade. In L. Levy. *Os impasses dos formadores em ação: questões difíceis, delicadas e éticas da terapia familiar*. São Paulo: Roca.
- Vasconcellos, M. J. E. (2002). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Vygotsky, L. (1984). *A Formação Social da Mente*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

**Endereço para correspondência e email:**

antoniasimone.gomes@gmail.com

Enviado em 01/03/2018

1ª revisão em 08/03/2018

2ª revisão em 25/05/2018

3ª revisão em 19/06/2018

Aceito em 19/06/2018